III Congresso Histórico Internacional

25 a 27 de outubro de 2023

AS CIDADES NA HISTÓRIA: ECONOMIA

CIDADE MODERNA

2023

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
III Congresso Histórico Internacional
As Cidades na História: Economia

VOLUME III
Cidade Moderna

COORDENAÇÃO
Antero Ferreira
Alexandra Marques

REVISÃO
Casa de Sarmento - Centro de Estudos do Património

DESIGN GRÁFICO
Maria Alexandre Neves

DATA DE PUBLICAÇÃO
Dezembro de 2025

ISBN (OBRA COMPLETA)
978-972-8050-85-6

ÍNDICE

A vida económica urbana no período moderno: linhas de força e sugestões de pesquisa 7
José Damião Rodrigues

Cidades, comércio, manufatura e finanças na América portuguesa: aproximações aos aspectos econômicos dos centros urbanos coloniais brasileiros (séculos XVI ao XVIII) 33
George F. Cabral de Souza

Entre os engenhos e o Atlântico paisagem, sociedade e economia na Cidade Maurícia 57
Leonardo Nóbrega
Ricardo Trevisan

Reflexos da atividade comercial, fronteiriça e militar da vila e barra de Caminha, através de uma leitura iconográfica 87
João Cabeleira
Tiago Rodrigues

Neccessitas non habet legem. El fisco, el rey y las ciudades de Castilla (1573-1577) 127
Juan Eloy Gelabert González

Las economías urbanas en la españa moderna, 1531-1787: del auge al declive y la recuperación 157
Ramón Lanza García

As dinâmicas comerciais e a urbe: Representações de cidades chinesas na Europa dos séculos XVI e XVII 197
Marília dos Santos Lopes

Comparaison des systèmes économiques des trois plus grands sites africains de la traite atlantique des esclaves : Luanda, Bonny, Ouidah (années 1660-1860) 221
Guy Saupin

Espaços comerciais de (e para) indígenas nas cidades ibero-americanas (séculos XVI-XVII) 245
Daniela Nunes Pereira

The Economic Implications of the Erection of the Church of San Nicolás in Alicante as a Collegiate Church and Its Rivalry with the Parish Church of Santa María 259
Antonio Carrasco-Rodríguez

O abastecimento da cidade de Viseu entre os séculos XVI e XVIII 293
Liliana Andrade de Matos e Castilho

Balance del fomento urbano y comercial en el siglo XVIII: el caso de la ciudad de Palma 315
Ana María Coll Coll
Mar García Arenas

Minhotos dos dois lados do Atlântico: os enlaces parentais de desembargadores nascidos no Espírito Santo 335
Adriana Pereira Campos

Las Mujeres y el comercio. Espacios femeninos en una ciudad atlántica: Santa Cruz de Tenerife en el Siglo XVIII 369
María Eugenia Monzón Perdomo

Do continente e das ilhas: portugueses no porto continental de Porto Alegre entre 1772 e 1822 403
Ana Scott
Dario Scott

La ciudad de Salamanca en el último cuarto del siglo XVIII: la difícil vertebración social, política y económica 431
María del Carmen Irles Vicente

"A pesca foi sempre para o homem hum emprego": Apontamentos sobre a economia marítima em Faro no século XVIII 463
Ana Luiza de Castro Pereira Gomes

Bancarrotas municipales y rescates financieros en el realengo valenciano durante el siglo XVII 489
David Bernabé Gil

As vilas em meio ao nada: a política portuguesa de povoamento da capitania de São Paulo, 1765-1775 523
Carlos A. P. Bacellar

Las cecas en las ciudades de Castilla, los reinos de Indias y la Corona de Aragón: estado de la cuestión y líneas de investigación 551
Héctor Torregrosa Peinado

Do *Beiçoairo* aos *censuais* – os rendimentos dos direitos pontificais da mitra e cabido da cidade de Lamego nos finais do antigo regime 577
Luciano Augusto dos Santos Moreira

O papel da Misericórdia de Lisboa no cenário pós-terramoto de 1755. Entre a ruína patrimonial e a ininterrupção da assistência fúnebre aos mais desfavorecidos **615**
Delminda Rijo

Caminha e o seu concelho: as elites urbanas e a consolidação do poder político e económico (séculos XVII-XVIII) **647**
Aurora Botão Rego
Camilo Fernandéz Cortizo

As famílias açorianas na formação do Povo Novo de San Carlos de Maldonado (Uruguai) **683**
Letícia Vieira Braga da Rosa

Residir en soledad: evolución y caracterización de los hogares unipersonales en la Andalucía urbana (1859-1930) **713**
Ana Belén Gómez Fernández
David Martínez López
Manuel Martínez Martín

Reflexos da atividade comercial, fronteiriça e militar da vila e barra de Caminha, através de uma leitura iconográfica

João Cabeleira
Tiago Rodrigues

REFLEXOS DA ATIVIDADE COMERCIAL, FRONTEIRIÇA E MILITAR DA VILA E BARRA DE CAMINHA, ATRAVÉS DE UMA LEITURA ICONOGRÁFICA

João Cabeleira
Lab2PT/ IN2PAST/ Escola de Arquitetura, Arte e Design, Universidade do Minho
joaocoelho@eaad.uminho.pt
Tiago Rodrigues
FCT: 2022.14322.BD/ Lab2PT/ IN2PAST/ Escola de Arquitetura, Arte e Design, Universidade do Minho
tiagorodrigues1993@gmail.com

Resumo

O presente artigo debate a imagem e a forma da vila de Caminha, ao longo do período moderno, tendo como base a análise do seu espólio iconográfico. A partir deste, procura-se identificar tanto os processos de configuração da sua imagem, bem como, uma leitura do ambiente construído. Uma visão que extravasa os limites do núcleo fortificado de Caminha e considera o território mais amplo em que esta se integra e que lhe confere sentido. Uma amplitude que permite, igualmente, verificar a consolidação e transformação de estruturas de suporte a dinâmicas produtivas, comerciais e militares.

Uma leitura, cuja metodologia de trabalho se sustenta na inventariação, análise e leitura crítica das fontes iconográficas, desenvolvendo ações de sobreposição e confronto, tendo em vista a construção de uma narrativa histórico-visual.

Palavras-chave: Iconografia urbana; Caminha; Estruturas abaluartadas; Barra do Rio Minho

Introdução

Debruçando-nos sobre a imagem e processos de conformação do ambiente construído, o presente artigo incide na vila de Caminha e respetivo espólio iconográfico produzido ao longo da era moderna. Procura-se, por um lado, a inventariação e análise das imagens produzidas, abrangendo distintas modalidades de representação que incluem a cartografia e *vedute*, bem como identificar, através dessas, reflexos das dinâmicas e conformação do ambiente construído.

Abrangendo um arco cronológico amplo, entre os séculos XVI e XVIII, a leitura gerada extravasa os limites físicos da vila, considerando o sistema de paisagem em que esta se integra.

Tendo como ponto de partida a inventariação e análise das fontes iconográficas, estas são operacionalizadas segundo ações de sobreposição e confronto, descortinando-se tanto qualidades intrínsecas aos métodos de representação, como do representado (tendo presente processos de sedimentação, transformação e reestruturação), reconstruindo-se uma sua imagem sustentada nas fontes iconográficas e materiais.

Refletindo preceitos organizacionais da cidade moderna, o posicionamento da vila de Caminha na barra do rio Minho (na interface entre terra, rio e mar e, simultaneamente, entre entidades políticas, Portugal e Espanha), repercute-se na sua imagem e forma, as quais respondem às atividades piscatória, comercial e de interposto fronteiriço (Praça-Forte Militar).

Metodologia e recursos empregues

A iconografia e a cartografia desempenham um papel essencial no estudo da imagem urbana. Um papel que tanto se direciona à representação *per se*, evidenciando recursos científicos e instrumentais de suporte à sua concretização gráfica, como, de acordo com a

sua intrínseca dimensão documental, reconhecer propriedades do representado. Assim, cruza-se a identificação de técnicas de representação e levantamento do território, com o reconhecimento da paisagem nos seus estratos espaciais, humanos e temporais.

Fundindo-se aqui estas duas valências, o artigo é orientado sob a ideia da iconografia como portador de conhecimento (Swan, 1995), que materializa não só conhecimento teórico e prático, mas também reflexivo face ao representado (Valleriani, 2017). Artefactos que, observados numa escala temporal ampla, revelam a sedimentação de preceitos na representação e conhecimento do lugar, em concordância com a ideia de 'ciclos de acumulação' (Latour, 1988).

Sob este quadro, a metodologia empregue analisa a iconografia do lugar produzida ao longo da idade moderna (plantas, *vedute* e cartografia vária), pontualmente complementada por imagens contemporâneas (fotografias). No seu cruzamento esclarece-se a sequência de ações sobre o território, segundo uma leitura estratigráfica. Um processo que não se funda numa mera ordenação cronológica do acervo iconográfico selecionado, mas antes no seu cruzamento, aprofundando e validando leituras geradas.

Aspeto relevante a considerar, é que o desenho (a iconografia) não é uma representação objetiva e absoluta do espaço. Aí, projetam-se simultaneamente, a realidade vista (pelo olhar ou intermediada por instrumentos de medição) e a idealizada (a mental, fortemente condicionada pelo contexto cultural e quadro de referência espacial e imagético do desenhador). Como tal, a leitura crítica da imagem não se pode vincular a uma visão objetiva do representado, devendo a sua leitura resultar de um complexo cruzamento de fontes e verificação de variáveis.

Inventário: bases para uma narrativa visual de Caminha

De acordo com a metodologia traçada, este artigo constitui uma oportunidade para inventariar, ordenar e analisar parte do acervo iconográfico da vila de Caminha. É a partir desse acervo que se desvela a imagem da vila e território envolvente, bem como uma narrativa histórico-visual que exibe a sedimentação do ambiente construído, a par de reflexos das suas apetências enquanto entreposto comercial, fronteiriço e militar.

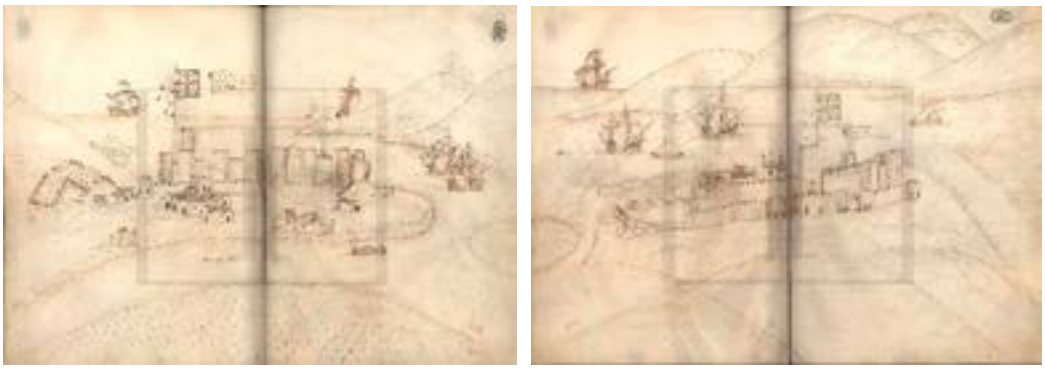
Nos alvores da Era Moderna

Podemos nomear como momento inaugural da iconografia de Caminha os desenhos de Duarte D'Armas, escudeiro da casa de D. Manuel I, incluídos no *Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela* (1510).

A vila de Caminha, no atual assentamento, resulta de fundação tardomedieval, na sequência das operações de reorganização e consolidação das fronteiras por D. Afonso III (1248-1279). Nesse contexto é criada uma póvoa cuja racionalidade do traçado (tanto do ponto de vista militar como urbanístico), reverbera lógicas das *bastides* francesas (Cadilha, 2008: 30). Um esquema conformado por malha de tendência ortogonal, circunscrito por infraestrutura defensiva.

Na sequência do seu desenvolvimento, a vila recebe carta de foral em 1284, em 1406 torna-se couto de homiziados "para marinheiros, pescadores e outra gente marítima" (Santos, 1981: 169), e em 1512 é-lhe outorgada nova carta de foral por D. Manuel I.

Para o *Livro das Fortalezas*, Duarte D'Armas elabora duas vistas da vila, uma do lado nascente (Figura 1) e outra do Sul (Figura 2), a par de uma planta (Figura 3). Um conjunto cujo cruzamento permite caracterizar a sua implantação, a estrutura muralhada, relações territoriais, atividades e imagem.



Figuras 1 e 2: ca.1510, Duarte D'Armas, *Livro das Fortalezas*: vistas nascente e sul de Caminha.

Das vistas delineadas pelo escudeiro, é possível perceber a vila e a orografia envolvente, dando-se a ver a foz do rio Minho (incluindo a Ínsua), relevo das margens confrontantes (Portugal e Galiza), e a foz do rio Coura. Contudo, no ilhéu da Ínsua, não se denota qualquer construção que exiba a sua ocupação pelos frades Franciscanos Observantes que aí se tinham estabelecido desde os finais do século XIV. Ainda assim, salienta-se a presença de embarcações em alto mar ou fundeadas junto à vila, demonstrando a sua apetência comercial, na interface entre as rotas fluviais e marítimas. Particularmente relevante, é a inclusão, nas margens do rio Coura, de um estaleiro com nave em construção. Uma presença que atesta a participação da vila no projeto mercantil português tirando partido da sua posição de intermediação entre a terra e o mar. Incidindo no núcleo

urbano representado, sobressai a sinalização de edifícios relevantes como a Igreja Matriz (evidenciada pela cruz) e o Palácio da Casa de Vila Real (enunciada por torre com chaminés), cujos membros foram investidos em 1464 como Senhores de Caminha. Um título que se manteve até 1641, quando, no contexto da Restauração, a Casa foi acusada de conspiração e delito de lesa-majestade.

Ambas as vistas exibem uma estrutura muralhada com robustas torres, complementada por barbacã e segmentada por cubelos. Um reforço de proteção, iniciado no reinado de D. João I (Costa, 1706: 279). Em complemento denota-se ainda, na vista nascente, e na margem do Coura, o que parece ser uma atalaia (para a qual não encontramos referência ou nomeação), bem como, na vista de sul e na planta, os muros de proteção ao Cais Velho junto às Portas do Marquês e do Cais do Rio. De referir, apenas na vista nascente, a presença de barbacã em obra, junto às torres do Cais Pequeno e do Cais Grande.

Ainda, na vista nascente, Duarte D'Armas sinaliza a presença de arrabaldes indicando a formação de núcleos extramuros, que absorvem a população crescente na sequência do desenvolvimento da vila como entreposto comercial, e em muito impulsionada pelo novo foral outorgado por D. Manuel I. Porém, os mesmos arrabaldes, não aparecem na vista sul da vila, apresentando-se o núcleo muralhado de modo desimpedido. Uma opção do desenhador, dando maior ênfase à estrutura defensiva no confronto com a Galiza.

Às portas do núcleo muralhado, o Terreiro, animado pela Torre do relógio e o Hospício e Igreja da Misericórdia (encetada em 1559), assume-se como centro cívico e comercial da vila. Servindo como chão de feira, convergem aí os arruamentos que estruturam a expansão extramuros: rua do Vau (rua de S. João), que ladeia a muralha pelo lado nascente; rua da Misericórdia (rua Visconde de Sousa Rego), paralela à frente ribeirinha poente; rua da Corredoura, paralela ao rio Coura e orientada à serra de Arga.



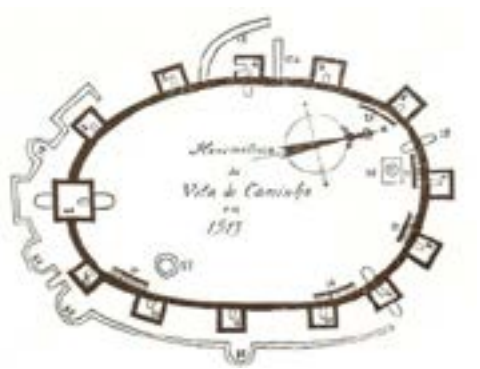


Figura 3: ca.1510, Duarte D'Armas, *Livro das Fortalezas*: planta da muralha de Caminha.

Figura 4: 1983, Serra Carvalho, Desenho da primeira ordem de muralhas, desde D. Afonso II (1213) a D. Manuel I (1513). 1) Torre das Portas de Viana, torre de Menagem da fortaleza/ atual torre do Relógio; 2) Torre da Varanda, posteriormente do Açougue; 3) Torre do Cais Velho ou do Areio d`Ouro; 4) Torre do Marquez ou das Portas do Mar; 5) Torre dos Cavaleiros ou dos Sinos; 6) Torre da Praia ou dos Coirões; 7) Torre do Cais Pequeno, Cais Novo ou das Portas da Boa Nova; 8) Torre do Coura, da Junqueira ou do Cais Grande; 9) Torre da Piedade, do Vau, de Santo António «O Esquecido» e das Portas do Sol; 10) Torre do Estaleiro Velho ou Torre Pequena do Vau; 11) Torre de São João; 12) Torre da Albergaria ou do Hospital Velho; 13) Torre do Terreiro; 14) Couraça ou Barbacã; 15) Cais Velho, das Portas ou do Marquez e Cais do Rio; 16 e 17) Poços de água doce de beber; 18) Porta Nova e depois da Boa Nova; 19) Escadas de acesso aos adarves. Legenda adaptada de (Rodrigues, 2011: 145).

Ruas que enunciam a expansão e hierarquizam funções e estratos sociais, chamando a si novos edifícios estruturantes, ao mesmo tempo que revelam interações entre a vila e o território circundante. Na rua do Vau, eixo fundamental que liga o Terreiro (o chão de feira) e o Rio (o cais grande), instalam-se mercadores. Na rua da Misericórdia, que une o Terreiro à fonte da Vila (Vilarelho), instala-se a comunidade piscatória, sendo o seu limite sul pontuado, a partir de 1561, pelo convento da Graça. A rua da Corredoura, acesso privilegiado ao interior, é lugar propício à instalação da nobreza local. No que toca ao Terreiro, este é guarnecido de pelourinho (entretanto demolido) e de chafariz (1551), que reforçam a sua centralidade e suportam as funções que aí têm lugar.

Desenhar a amplitude da Barra

Tendo em conta a situação geográfica de Caminha e as relações mais amplas que legitimam a sua relevância, é impossível deixar de apontar as características da sua orografia, nomeadamente da barra do rio Minho. É também de notar a interseção do rio Coura com o rio Minho, que configura a língua de terra em que assenta Caminha, proporcionando-lhe excecionais condições de defesa e de fundação.

Se os desenhos de Duarte D'Armas apontam estas características, é na vista/carta da *Barra Puerto de Camiña* (Figura 5), delineada por Pedro Teixeira Albernaz e incluída em *El Atlas del Rey Planeta: La descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos* (1634), que ganham maior expressão. Um documento, cujas propriedades gráficas, o colocam na intermediação entre a vista, de carácter orográfico, e a cartografia de suporte à navegação.



Figura 5. 1634, Pedro Teixeira Albernaz, Barra e porto de Caminha.

No desenho, indicam-se as profundidades de leito da barra, esclarecendo condições de navegação conforme os pressupostos da encomenda da carta. Importante, é também a caracterização geral do relevo, como frentes rochosas, cordões dunares, cabos (Cabo de Santo Ysidro), elevações (monte de Santa Trega), bancos de areia e ilhéus (Ínsua), e coberto vegetal (bosque). No desenho é evidente, ainda, a disposição de edifícios de referência (o Mosteiro de Santo António na Ínsua e a Capela de Nossa senhora da Ajuda na foz do Coura), povoados (A Guarda,Cristelo e Moledo), e do núcleo portuário (a vila de Caminha).

Na representação da vila, o documento dá a ver a cintura de muralhas, torres, e arrabaldes extramuros, a par do cais novo e concentração de embarcações no rio Coura, em posição paralela à rua do Vau na qual se instalam mercadores. Aspetos que expressam o vigor comercial da vila, bem como vocações e relações que se perpetuam até ao século XX (Figura 6).



Figura 6. ca.1933, Crespo-Gavinho e Valadare**s**, Cais de embarque para Espanha junto ao cais novo.

Remetendo-nos o desenho às dinâmicas produtivas, comerciais e militares de Caminha, não é possível deixar de associar o caráter compacto das muralhas e torres da vila à sua posição fronteiriça, ainda que, e por circunstância da união das coroas ibéricas, evidencie um esquema desatualizado face às tecnologias de guerra seiscentistas.

Na amplitude do território representado, a imagem não corresponde a uma vista, nem a sua escala detém a abrangência cartográfica de cartas como a de Lucas Janszoon Waghenaer (Figura 7), do atlas *T'eerste deel vande Spieghel der zeevaerdt* |Espelho do Marinheiro| (1584). Facto curioso do mapa holandês é que, mostrando a costa do Cabo Finisterra à barra do rio Minho, em planta e perfil (na tradição dos livros de piloto), a enseada e vila de Caminha surgem representadas do lado contrário do rio Minho.



Figura 7. 1584, Lucas Janszoon Waghenaer, Vista da costa desde o Cabo Finisterra até à barra de Caminha.

A escala da *Barra Puerto de Camiña* pode ser dilatada por documentos como a *Descripción del Reyno de Portugal y de los Reynos de Castilla* (1662) de Pedro Teixeira Albernaz[1] (Figura 8). Contudo, aí, a representação da barra do Minho dilui-se na amplitude dos limites do reino, reduzindo-se a imagem da vila a um ícone (identificando-a como Praça-Forte) e a barra ao contorno sumário do leito do rio e linha de costa.



Figura 8. 1662, Pedro Teixeira Albernaz, *Descripción del Reyno de Portugal y de los Reynos de Castilla*.

Não sendo intenção uma digressão pela cartografia, com risco de divagar na extensão do acervo, não se pode deixar de mencionar cartas como a *Description del reyno de Portugal y de los reynos de Castilla que confinan con su frontera* (na sua edição francesa de 1705)[2], a *Carta Geographica da Provincia de Entre Douro Minho e Tras os Montes Dedicado A Magestade Fidelissima* (delineada no terceiro quartel do século XVIII), que contém cartela com planta de Caminha (Figura 9), ou a Carta da província de entre Douro e Minho incluída na coleção *Mappas das provincias de Portugal* (1769-1779), de João Silvério Carpinetti (Figura 10).

1 Como antecedente poder-se-ia mencionar a *Potugalliae que olim Lusitania, novissima & exactissima descriptio* (1560), de Fernando Álvares Seco. (BN D: C.C. 803 V. Acedido Online In: https://purl.pt/5901. Consultado Online: 26/07/2023).

2 Esta carta, da autoria de Pedro Teixeira Albernaz, inclui ainda vistas e plantas de cidades e estruturas abaluartadas como Lisboa, Estremoz, São Julião da Barra, Olivença, Elvas, Évora, Setúbal, Arronches e Vila Viçosa. (*Description del reyno de Portugal y de los reynos de Castilla que confinan con su frontera*, A Paris, 1705-1716. – BN D:CC-902-R. Acedido Online In: https://purl.pt/16992. Consultado Online: 26/07/2023).

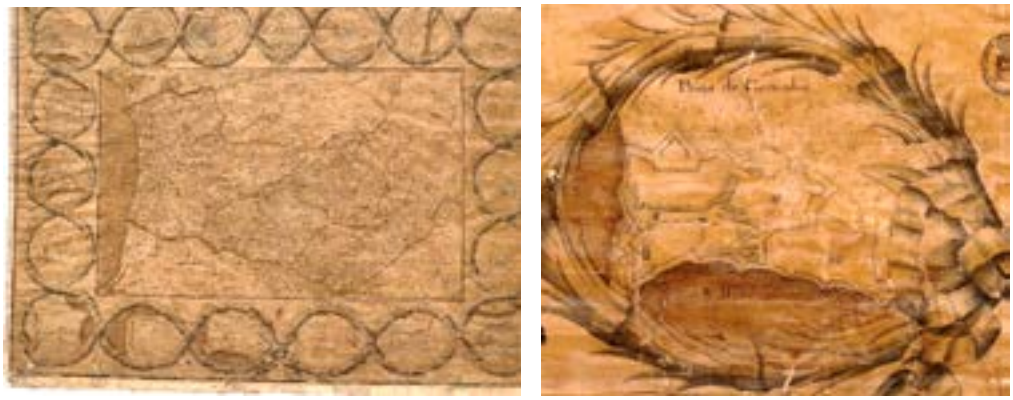


Figura 9. ca. 175?-1777, José Monteiro de Carvalho, *Carta Geographica da Provincia de Entre Douro Minho e Tras os Montes Dedicado A Magestade Fidelissima e Sempre Augusta de El Rey de Portugal e dos Algarves dom [...] Nosso Senhor*.

No *Mappas das provincias de Portugal* (1769-1779), refere-se que Caminha: *"He porto de mar 3 léguas acima de Vianna: está entre os rios Minho e Coura, e não consta da sua fundação: tem muitas Fortalezas, e quasi 1600 pessoas, 2 paroquias, Misericórdia, 2 Hospitaes, e hum deles para Soldados, hum Convento de Capuchos, e outro de Religiozas Franciscanas, e Juis de fora"* (Carpinetti, 1769/79: f. 3r). Uma indicação que contraria a visão distante destes *Mappas* aproximando-nos da vila.

Em linha com esta descrição o *Mappa de Portugal antigo e moderno* (1762-1763), de João Baptista de Castro, aponta Caminha, aquando da caracterização da raia, nos seguintes termos: *"Fica esta barra sobre o rio Minho e he termo, que divide Portugal de Galiza, ficando-lhe opposta a Villa da Guarda, e os lugares de tamugem, Rosal, e outros dos Galeos. Na entrada tem huma ilha, onde está o forte de Nossa Senhora da Insoa. Faz esta ilha duas barras pequenas: huma para o Norte, e he perigosa: outra para o Sul"* (Castro, 1762: I/29). Uma incidência no valor fronteiriço e militar da vila, em linha com a imagem de Jean-Benoit Python[3], no *Mappa da Fronteira* (1763)[4], que permite uma leitura dos sistemas defensivos instalados na raia e costa-atlântica, do Porto a Trás-os-Montes, passando pelo Minho.

3 Com este colaborou o engenheiro José Champalimaud de Nussane que assinou várias plantas da Província de Entre Douro e Minho.

4 RNOD|BNP. Acedido Online In :https://rnod.bnportugal.gov.pt/rnod/winlibsrch.aspx?&pesq=3&doc=270873. Consultado Online: 27/07/2023.



Figura 10. 1769-1779, João Silvério Carpinetti, *Mappas das provincias de Portugal novamente abertos (...)*.

A *Planta da Barra de Caminha e entrada do Rio Minho* (1758), de Gonçalo Luís da Silva Brandão (Figura 11), reaproxima-nos do território de Caminha. São revelados ilhéus da barra e do rio, afluentes, relevo, núcleos urbanos e infraestruturas defensivas, a par do coberto vegetal ou indústrias de extração.



Figura 11. 1758, Gonçalo Luís da Silva Brandão, *Planta da Barra de Caminha e entrada do Rio Minho*. Transcrição da legenda: "*A – Rio Minho. B – Barra da Galiza. C – Barra de Portugal. D – Vila de Caminha. E – Igreja Velha. F – Camarido. G – Fortaleza de Nossa Senhora da Ínsua. H – Salinas. I – Nossa Senhora da Ajuda. K – Pedras Ruivas. L – Vila da Guarda [La Guardia]. M – Fortaleza de Santa Cruz. N – Freguesia de São Lourenço de Sibadães [Cividanes]. O – Ponte da Tamuje. P – Serra altíssima e Ermida de Santa Tecla. Q – Lugar de Camposancos. R – Rio Coura. S – Convento de Freiras da Guarda [La Guardia].*" (Brandão, 1994: II/6).

Na descrição da planta, o autor afirma que: "*Vê-se aqui a barra de Caminha, fim do curso do Rio Minho, envolto no mar oceano, tanto pela parte de Portugal, como de Galiza, ficando-lhe no meio a fortaleza de Nossa Senhora da Ínsua que o divide. Mostra-se a vila da Guarda [La Guardia], sua enseada e fortaleza, o Camarido, o Rio Coura e salinas que da sua parte há. Pelas duas barras só entram embarcações pequenas, como iates e caravelas. O que se diz Camarido é mais de quarto de légua de mata de sobreiros e pinheiros velhíssimos, que em dia de São Bento deste ano de 1758 padeceram grande destroço.*" (Brandão, 1994: II/6).

Aproximando-nos da vila, deteta-se um conjunto de elementos que, apesar de não referenciados na legenda, são importantes na caracterização da vila e sua envolvente. Destacando três elementos na margem portuguesa do Minho, o primeiro é um conjunto de casas junto da Porta Nova da Corredoura e da Igreja Velha[5] (Figura 12a), o que nos leva a considerar que, apesar da amplitude do novo perímetro abaluartado, foram deixadas de fora algumas edificações ou, face às novas circunstâncias, corresponderiam estas a novo núcleo extramuros. O segundo elemento é a indicação de igreja/capela na margem direita

5 A igreja, atualmente designada por Igreja Paroquial de Vilarelho. Em relação à sua história "*a igreja de Nossa Senhora da Encarnação de Vilarelho, hoje entre novas e velhas oliveiras, «é Românica do primeiro período e muito antiga, contando pelo menos três obras de restauro de que há memória», a última em 1614. Não se conhece a época em que foi edificada, mas admite-se que seja do século XIII, dado que é mais antiga do que a Igreja Matriz de Caminha e anterior à construção da primeira ordem de muros da vila, que data de 1260.*" (Alves, 1985: 118-119).

do rio Coura, junto à sua desembocadura. Pela sua localização, e em consonância com a *Planta da Praça de Caminha* (1758), do mesmo autor, corresponderá à Capela de Nossa Senhora da Ajuda (Figura 12b). Por fim, o terceiro elemento é um cruzeiro (Figura 12c), que face à sua posição, na interseção de dois caminhos, se consideram duas hipóteses: 1) corresponderá a cruzeiro na interseção da Estrada de Marinhas com o Caminho do Cruzeiro, perto da Capela de Santa Luzia; 2) poderá ser o cruzeiro localizado na confluência das ruas de Nossa Senhora da Consolação e do Fijogo, nas proximidades da Capela da Nossa Senhora da Consolação.



Figuras 12a, 12b, 12c: a) Identificação de casas na Porta Nova da Corredoura; b) Capela de Nossa Senhora da Ajuda; c) Cruzeiro.

Do lado espanhol, destacam-se, igualmente, três elementos. O primeiro é um templo que, apesar de ligeiramente deslocado na planta de Brandão, poderá corresponder à Iglesia de Santa María da Guarda (Figura 13a). O segundo corresponde também a templo que, por estar representado nas imediações da *Freguesia de São Lourenço de Sibadães [Cividanes]*, nos leva a ponderar a hipótese de ser a Iglesia de San Lourenço de Salcidos[6] (Figura 13b). Por último, a planta exibe uma torre na margem do rio Tamuxe, e junto à entrada na Ponte da Tamuxe (Figura 13c). Apesar de não avançarmos com possível identificação da dita torre, verifica-se que esta já aparece representada[7] em plantas anteriores à de Brandão, como: *Mapa y diseño de la frontera de Galicia.* (1664), o *[Plano de San Miguel de Tabagón, Salcidos, A Guarda, Ilhas de Canosa, Torroeira...]* (1714), e o *Plano de san Miguel de Tabagón, Salcidos, O Rosal, Illas de Canosa...* (1732).

6 *"(...) Salcidos (San Lorenzo): felig. en la prov. de Pontevedra (11 leg.), part. jud. y dióc. de Tuy (4), ayunt. de la Guardia (1/6). Sit. en la ribera der del Miño, conlibre ventilacion; Clima tenplado Y sano. Tiene 663 casas en el barrio de su nombre y en los Cividanes, Gandara, Pintan y Proba, subdivididos en otros muchos; (...)."* (Madoz, 1849: 687).

7 Apesar da representação da torre ser junto à Ponte da Tamuxe, observa-se que nos diferentes mapas, esta surge indiscriminadamente do lado esquerdo ou do direito em relação à estrada que passa no local.



Figura 13a, 13b, 13c: a) Iglesia de Santa María da Guarda; b) Iglesia de San Lourenço de Salcidos; c) Torre da Ponte da Tamuxe.

Outros exemplos, que encerram este périplo pela cartografia, são o *Plano de la embocadura del Rio Miño* (1793), de Juan Francisco Mesae (Figura 14), e a *Planta dos terrenos de Caminha* (1797), de Maximiano Serra (Figura 15). O primeiro, é particularmente interessante por recuperar lógicas dos livros de Piloto, ao incluir perfil da linha de costa. Contudo, seja pela escala da representação, ou por contingências da encomenda de tais mapas, os núcleos urbanos não evidenciam mais do que um contorno genérico. Relevante, é que a visão conformada por estes exemplos permite uma leitura da barra, no que toca a condições de navegação e características do dispositivo militar instalado que, indo muito além da Praça-Forte de Caminha, expõe condições de visibilidade, alcance e complementaridade dos elementos.



Figura 14. 1793, Juan Francisco Mesae, *Plano de la embocadura del Rio Miño, y sus contornos hasta el castillo y Villa de la Guardia por parte de España, y hasta la Plaza de Camiña por parte de Portugal, con la Ysla de Camiña, y barra de su entrada.*

Figura 15. 1797, Maximiano Serra, *Planta dos terrenos de Caminha, the a Insola e sitios fronteiros*.

Redesenho urbano e a Arte da Guerra

O conflito bélico resultante da Guerra da Restauração (1640-1668), implicou a modernização das infraestruturas defensivas de toda a raia e costa-atlântica portuguesa. Caminha, na confluência de dois dos limites naturais do reino (o litoral atlântico e o vale do rio Minho), viu as obsoletas muralhas medievais serem reformuladas, ampliadas e reforçadas segundo os cânones mais modernos da engenharia militar. Assim, a conformação da vila patente em a *Barra Puerto de Camiña*, é transformada a mando de D. João IV, a partir de 1640, segundo as lógicas coevas do traçado abaluartado. Constata-se que "*(...) o resultado será uma praça mista, meio medieval, meio abaluartada, composta por dois polígonos com fossos, contra-escarpas, redutos e revelins.*" (CIEFAL-ICOMOS, 2008: 106).

Um reforço da ação defensiva desta Praça-Forte, simultâneo à ampliação do perímetro urbano, integrando no interior das novas linhas de fortificação arrabaldes e conjuntos significativos até então extramuros.

Neste contexto, as três principais ruas que vinham marcando a organização extramuros sofreram significativas alterações. A rua do Vau passa a estar intramuros e a relação direta que as edificações do lado nascente tinham com o rio, é bloqueada pela fortificação. A rua da Corredoura, é contida pela Porta Nova da Corredoura (ou de Venade). Por último, a rua da Misericórdia é cortada a meio com a criação da Porta Nova da Misericórdia, e ponte levadiça (da segunda linha de defesa), correspondendo este seccionamento à distribuição de grupos sociais e atividades produtivas (o núcleo próximo ao centro com as habitações dos oficiais e da burguesia letrada, enquanto que no tramo entre a segunda e terceira linha se instalam pescadores e mareantes).

Junto à Igreja Matriz, é projetado um armazém em 1654, pelo engenheiro militar Manuel Pinto de Vilalobos[8], e em 1676, na mesma zona, D. Pedro II delega ao engenheiro militar Miguel de L'École a construção de um baluarte, encerrando-se o perímetro defensivo a Norte (CIEFAL-ICOMOS, 2008: 115). Para a construção destes elementos foi necessário desmantelar a Torre dos Cavaleiros, a Torre da Praia e respetivo pano da cerca. Já em 1703, João Alves do Rego (assistente de L'École), solicita para a vila uma terceira linha de muralhas visando a integração intramuros do arrabalde dos pescadores e do convento de Santa Clara.

Mantendo-se operacional até à Guerra Peninsular (1807-1814), o valor militar desta Praça-Forte decai a partir de então, por alteração das tecnologias de guerra, continuando, porém, a deter uma presença estruturante na forma e imagem do espaço urbano.

8 Engenheiro militar que "*(...) em 11 de março de 1688, foi-lhe mandada passar patente de capitão engenheiro da província de Entre-Douro e Minho, com a cláusula de que serviria conjuntamente de capitão de artilharia para ensinar aos officiaes menores d'ella e os tornar aptos na sua arte.*" (Viterbo, 1904: II: 281).

No desenho de *Caminha* (1713), de Manuel Pinto de Vilalobos (Figura 16), observa-se o alargamento do perímetro da vila com a segunda e terceira linhas de defesa escrupulosamente vinculadas a modelo abaluartado. A caracterização da vila e do perímetro fortificado é apresentada em planta, proporcionando uma imagem global da obra, e perfil, exibindo qualidades construtivas das cortinas e suas exigências na modelação do terreno para a conformação de fossos e contraescarpas.

Da análise da planta, observa-se que a representação da Igreja Matriz se reduz a ícone, enquanto o armazém fronteiro projetado por Vilalobos, é delineado rigorosamente na sua relação com o pano de muralha. A encerrar este lado norte do perímetro muralhado, o qual se confronta diretamente, e com amplo ângulo visual, com a barra e o território inimigo, o baluarte delineado por Miguel de L'École avança afirmativamente sobre o rio estabelecendo com o seu eixo de simetria um espelho da cortina que envolve os armazéns.



Figura 16. 1713, Manuel Pinto de Vilalobos, *Caminha*. Transcrição da legenda: "*A – Corpo da vila velha com suas muralhas e terra em roda. BB – Forteficassão nova da parte da terra toda acabada com seus Fossos estradas em cubertas e esplanadas. C – Revelim na Arga do Coura. DD – Obra exterior do Arabalde tambem acabada. EE – Trincheiras da parte do Ryo Coura. FF – Trincheiras da parte do Ryo Minho. G – Igreja Matris e junto desta o armazem. H – Mizericordia. K – Convento das Freiras de S. Clara. I – Convento dos fadres Capuchos. L – Igreja Velha. M – Porta nova da Mizericordia. N – Porta nova da Corredoura. O – Porta do cais. P – Porta de viana. Q – Cavaleiro de S Antonio. Esta Prassa esta detodo acabada (...).*".

Do lado nascente da cerca medieval, Junto à Torre da Piedade (ou do Vau), encontra-se representada a Capela de São João[9] (Figura17a), e ao lado da Porta de Viana a Capela de S. Sebastião (Figura17b). Ainda que estas capelas sejam excluídas da legenda do desenho de Vilalobos, surgem representadas e legendadas em plantas posteriores, evidenciando lógicas de sedimentação e aprofundamento da representação da realidade.

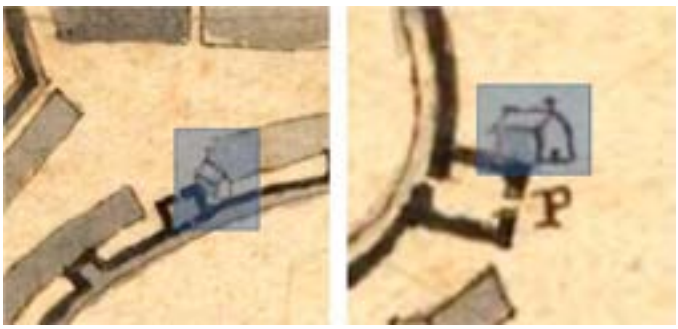


Figura 17a, 17b: a) Capela de S. João; b) Capela de S. Sebastião.

Do lado sul da vila, sobre uma pequena colina integrada no interior do perímetro muralhado, encontra-se o Convento de Santo António, que ocupa um ponto estratégico no domínio visual da vila, da barra do Minho e da margem Galega. Próximo, na vertente poente da mesma elevação, encontra-se o Convento de Santa Clara, absorvido pela terceira linha de muralhas, juntamente com o núcleo piscatório na margem do rio. Uma linha com forma próxima de *hornaveque* (obra corna)[10], denominada por Forte de São Rodrigo.

Já no exterior da Praça, logo após a Porta nova da Corredoura, encontra-se indicação de casa junto de um cruzeiro, possivelmente o cruzeiro da Fonte da Vila antecipando em 9 anos o registo mais recuado deste elemento[11]. Também extramuros, Vilalobos representa a Igreja Velha, na vertente externa da colina do convento de Santo António.

9 "*(...) A sua construção remonta ao séc. XVII, já que no Livro das Fortalezas de Duarte de Armas, publicado no séc. XVI, esta capela não figura no desenho da antiga vila, nem dentro, nem fora de muros. Conta o P.e G. Rocha Morais que a capela estava sensivelmente, no meio da Rua do Vau e, para ficar a rua direita, tiveram de a mudar para o sítio onde actualmente se encontra. Como o povo não tinha grandes posses, um fidalgo da vila, Brás Rodrigues Pita, que morava perto, ofereceu-se para custear as despesas da obra, em troca do padroado da capela. Não consentiu nisso o povo, recorrendo ao rei de Espanha, Filipe III, nessa época também rei de Portugal. (...).*" (Alves, 1985: 121).

10 Obra extramuros, edificada, geralmente, frente a um baluarte, cortina ou revelim, formada por dois semibaluartes unidos por uma cortina.

11 Especula-se ainda que o cruzeiro da Fonte da Vila, possa então ter sido denominado por "*Cruzeiro da Rocha*" localizando-se "*(...) no lugar de Fonte da Vila. Já existia em 1722 e é tudo quanto resta da capela de Nossa Senhora de Guadalupe.*" (Alves, 1985: 449).

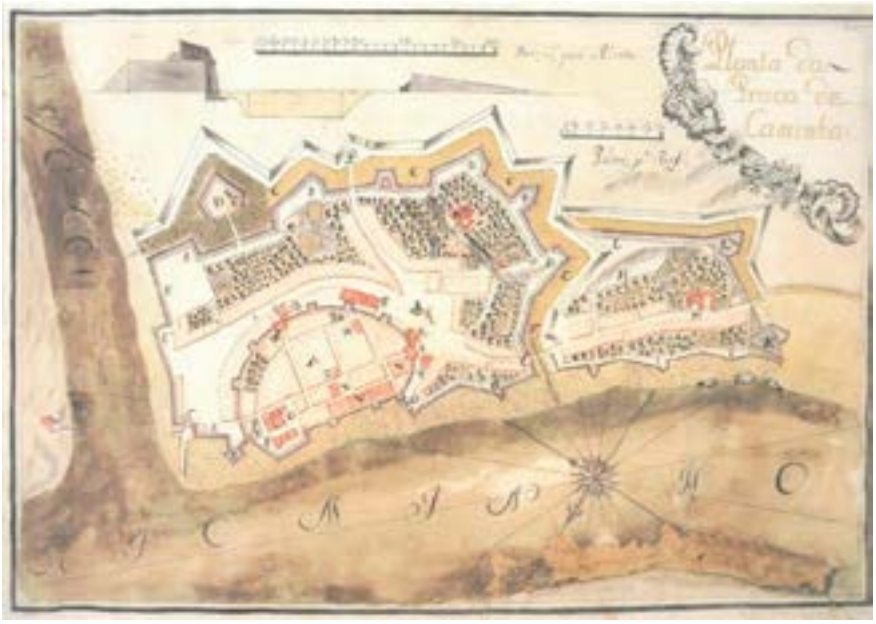


Figura 18. 1758, Gonçalo Luís da Silva Brandão, *Planta da Praça de Caminha*. Transcrição da legenda: "*Perto da barra do Rio Minho está a Praça e Vila de Caminha, como na planta se mostra. A – Vila Velha, cercada de altos muros de cantaria, com as torres que em roda tem. B – Fortificação mais moderna e Praça de Armas. C – Fosso da fortificação, com estrada encoberta, parapeito e esplanada. D – Revelim com água do Rio Coura. E – Trincheira que corre pela margem do mesmo rio. F – Meio baluarte atado ao muro velho, com sua bateria e armazém de armas e pólvora. G – Muro pela parte do Rio Minho, que vai atar na fortificação da terra. H – Obra separada da praça principal. I – Trincheira de pedra e cal, com parapeito e banqueta, por onde corre o Rio Minho, até. K – Forlim [Fortim] ou tenalha da Laje, que anda arrendada pela Vedoria e o [uso? d?] ela lhe faz em tem feito ruína grave. L – Forte de São Rodrigo e obra exterior, que vai pela parte da terra fechar com o fosso da praça principal. M – Convento de Santa Clara, de freiras franciscanas. N – Convento dos Capuchos. O – Igreja Matriz. P – Misericórdia. Q – Chafariz da Praça. R – Capela de São Sebastião. S – Torre que em cima tem o relógio da Praça. T – Hospital Real com ruína no frontispício ou porta principal. V – Quartéis dos Militares. X – Corpo da Guarda principal que tem o madeiramento em evidente ruína. Z – Cadeia. & – Hospital da Misericórdia. A – Porta que em cima tem a Capela de Santo António Esquecido. B – Capela de São João. C – Porta do Vau. D – Porta da Corredoura. E – Porta de Viana. Ambas estas portas têm trânsito de abóbada de cantaria e corpos de guarda com seteiras pelos lados. No fosso da Porta de Viana está uma fonte de boa água, útil para a Praça, que assinala a letra F. G – Capela de Nossa Senhora da Ajuda, passagem do rio.*" (Brandão, 1994: II: 8).

A *Planta da Praça de Caminha* (1758), de Gonçalo Brandão (Figura 18), aprofunda o reconhecimento do lugar, representando-se todo o perímetro fortificado, relação com as frentes de água que a circunscrevem e estrutura urbana interna. No mesmo desenho, e à semelhança do de Vilalobos, uma secção da fortificação clarifica acerca dos necessários movimentos de terra, tecnologia construtiva empregue e a altura dos paramentos, permitindo identificar relações proporcionais e de amplitude visual entre o nível do parapeito e a envolvente.

Na legenda que acompanha o desenho, Gonçalo Brandão faz uma breve descrição do conjunto, apresentando especificidades construtivas de alguns elementos, bem como o estado de alguns edifícios, como o hospital real e o corpo da guarda principal.

Numa leitura mais pormenorizada, é-nos permitido avaliar a mancha construída, mais densa no interior do perímetro medieval por oposição às expansões modernas (agora intramuros), numa inequívoca distinção de modos de construir e habitar o espaço.

Dos elementos incluídos na planta, destacamos a Fonte de Boa Água que, apesar de localizada extramuros, é determinante ao funcionamento e subsistência da Praça. Porém, atualmente, não existe qualquer vestígio da fonte, tendo o fosso da fortificação em que se encontrava sido atulhado para abertura da Rua de Santo António.

Ressaltam-se ainda dois elementos que, apesar de carecerem de legenda, são relevantes para a caracterização da Praça de Caminha. O primeiro é o cruzeiro retratado perto da *Porta que em cima tem a Capela de Santo António Esquecido* (Porta da Piedade ou do Vau) e da Capela de São João (Figura 19a). No confronto de várias plantas, nunca é indicado algum cruzeiro, o que não permitiu identificá-lo ou averiguar a sua existência. O segundo elemento, corresponde a casa situada a poente da cerca do *Convento de Santo António*, que, na sobreposição com a cartografia atual, nos leva considerar a hipótese de não se tratar de uma casa, mas antes do Tanque de Santo António (Figura 19b).



Figura 19a, 19b: a) Cruzeiro junto à Porta *que em cima tem a Capela de Santo António Esquecido*; b) Casa ou tanque de Santo António.

No *Prospecto da praça de Caminha* (1759), de José Martins da Cruz (Figura 20), a tridimensionalização e recursos gráficos aplicados (cor, textura, signos e anotações) amplia significativamente a informação do representado, vislumbrando-se a fisionomia das construções (número de pisos e de vãos, sequências rítmicas e composição genérica). É ainda notório o nível de detalhe na caracterização dos paramentos da fortificação, conformação das principais portas e identificação de guaritas ao longo de todo o

perímetro. Ressalta-se também, a evidência de diferença de cota entre o interior da praça e fossos circundantes. Porém, para além do perímetro defensivo, o desenho não fornece qualquer informação, ou por estar inacabado, ou por corresponder a fase intermédia do processo de desenho, o que contribui para a afirmação expressiva da Praça e suas fortificações.



Figura 20. 1759, José Martins da Cruz, *Propecto da praça de Caminha*. Transcrição da legenda: "*A – Prospeto da Praça de Caminha. B – Comvento e cerca dos Religiozos Capuchos. C – Duas quintas dentro da Praça. D – Payol da polvora junto â Igreja Matris. E – Comvento e cerca das Religiosas de S.ta Clara. F – Igreja da Misericórdia Junto a Torre do Relogio.*".

Quanto ao limite da antiga cerca medieval, apenas se detetam quatro das suas treze torres, que, seguindo a nomenclatura de Duarte D'Armas, são: Torre das Portas de Viana (torre do Relógio); Torre do Cais Velho (ou do Areio d`Ouro); Torre do Marquês (ou das Portas do Mar); e Torre da Piedade (ou do Vau). Observa-se ainda, que destas quatro torres, as orientadas ao poente, foram ajustadas no desenho à altura da nova fortificação.

No *Esboço da planta da praça de Caminha* (1840), João Luís Lopes (Figura 21), constata-se a perda de funcionalidade da fortificação, rasgando-se panos de muralha e ocupando-se

os seus fossos. Um processo, em muito ditado pela reformulação das vias de circulação, entre Caminha e centros próximos. Assim, fora do perímetro fortificado, a estrada para Viana é alterada por alargamento e alinhamento do seu espaço canal. Já quanto ao caminho para Valença, a circulação que antigamente se fazia a partir da porta Nova da Corredoura, passa a realizar-se por ponte sobre o Rio Coura, o que desencadeará novos desenvolvimentos do desenho da vila.



Figura 21. 1840, João Luís Lopes, *Esboço da planta da praça de Caminha.* Transcrição da legenda: "*aa – Linha Magistral do Corpo da Praça. bb – dita da Obra Exterior. d – Sitio das Maleutas com o fosso em frente. d.' aforado pela camara. e – quarteis e Caza do governador. h – Cavalleiro. i – Armazem da Praça. l – Porta do Vão. m – Poterna do açougue. n – Porta de Vianna. g – Esta letra indica os terrenos que disfruta o Governador. o – Poterna das Maloutas. p – Porta da Corredoura. q – Ponte em constrocção sobre a estrada de Valença. r – Rio coura. s – Rio Minho. t – Estrada de Vianna. u – Caes do desembarque. 1 – Rua do Vão. 2 – Largo da Feira do gado. 3 – Rua de S. João. 4 – Terreiro com Chafariz. 5 – Rua da Corredoura. 6 – Rua das Flores. 7 – Rua do Relogio. 8 – Largo da Guarda principal. 9 – Rua da Ribeira. 10 – Rua do Rolho. 11 – Rua de S.to An.to dos esquecidos. 12 – Travessa da Retorta. 13 – Rua da Misericórdia toda habitada por maritimos. 14 – Lavadouro publico. 15 – Igreja Matriz. 16 – Misericórdia. 17 – Cadeâ. 18 – Igreja de S. João. 19 – Convento de S.to Antonio. 20 – Convento das Freiras. 21 – Igreja velha.*".

Uma estrela no horizonte

Na senda da reformulação seiscentista, e à escala mais abrangente do território de Caminha, dever-se-á mencionar o Forte da Ínsua[12], situado num pequeno ilhéu na imediação da desembocadura do Rio Minho. Um ilhéu, cuja ocupação remonta ao século XIV por uma congregação de frades Franciscanos, que fundaram o Convento de Santa Maria da Ínsua[13].

A atual estrutura defensiva foi construída entre 1649 e 1652 (CIEFAL-ICOMOS, 2008: 92), a mando de D. João IV e promovida pelo governador de armas da província do Minho, D. Diogo de Lima, com o intuito de proteger os frades, a costa e a barra de Caminha, durante a Guerra da Restauração[14].

Gonçalo Luís da Silva Brandão, na explicação da *Planta da Fortaleza de Nossa Senhora da Ínsua* (1758), aponta: "*Em um ilhéu de figura ovada se acha a Fortaleza, que se vê, de Nossa Senhora da Ínsua, cercada de rochedos no meio das barras de ambos os reinos. É quadrada com dous baluartes interiores e dous meios baluartes, com um ângulo saliente de alvenaria de pedra e cal, e cordão de cantaria, e da mesma tem os socalcos, que mostra a letra L, para a resistência dos mares; quase todos os anos se gasta muito dinheiro em reedificá-los*" (Brandão, 1994: II: 7).

O forte segue as especificações da arquitetura abaluartada, apresentando uma planta de base quadrangular com dois baluartes, a norte e oeste, dois semibaluartes, a sul e este, e um redente angular, que secciona a cortina sudoeste. O forte detém ainda um poço e duas fontes de água potável, cinco guaritas hexagonais e uma única entrada, na cortina noroeste, antecedida por fosso retangular. Quanto ao fosso, este é rematado, lateralmente, pelos flancos dos baluartes e encabeçado por revelim.

No interior do forte há um convento (igreja e dependências ao redor do claustro), e edifícios militares (quartel do governador, quartel da guarnição militar, armazéns, depósitos, cozinhas e paiol). Elementos retratados na planta *Fortaleza da* Ínsua (1713), de Manuel Pinto de Vilalobos (Figura 22), através de distintos recursos gráficos e níveis de detalhe. Assim, do convento é apresentada a sua planta, identificando-se o corpo da igreja e o claustro, bem como uma área exterior circunscrita por linha e referida na legenda

12 Atualmente é designado por Forte de Santa Maria da Ínsua, tendo em tempos sido apelidado também por Fortaleza de Nossa Senhora da Ínsua.

13 Como aponta José Cornide Saavedra: "*En la embocadura del Río Miño: en frente de la punta de Santa Tecla, ay una islita pequeña, en la que solo ay una Iglesia de la Virgen que se llama Nuestra Señora da Insua: en la que se estableció un Conbento de Frayles Franciscos. Tiene su defensa aunque corta, y pertenece a los Portugueses.* (Saavedra, 1764: 88).

14 Posteriormente, aquando da Guerra Peninsular, o forte foi invadido em 1807, e apropriado pelas tropas espanholas. Já em 1909 foi nomeado o seu último governador, o Major Rodolfo José Gonçalves (CIEFAL-ICOMOS, 2008: 93), o que atesta a sua importância estratégica.

como *Conventos dos Capuchos*. Já os edifícios militares, adossados ao plano interno da muralha, são identificados com recurso a mancha cinza e legenda no seu interior. Em simultâneo, e à semelhança de outros desenhos de Vilalobos, é apresentado o perfil da fortificação.

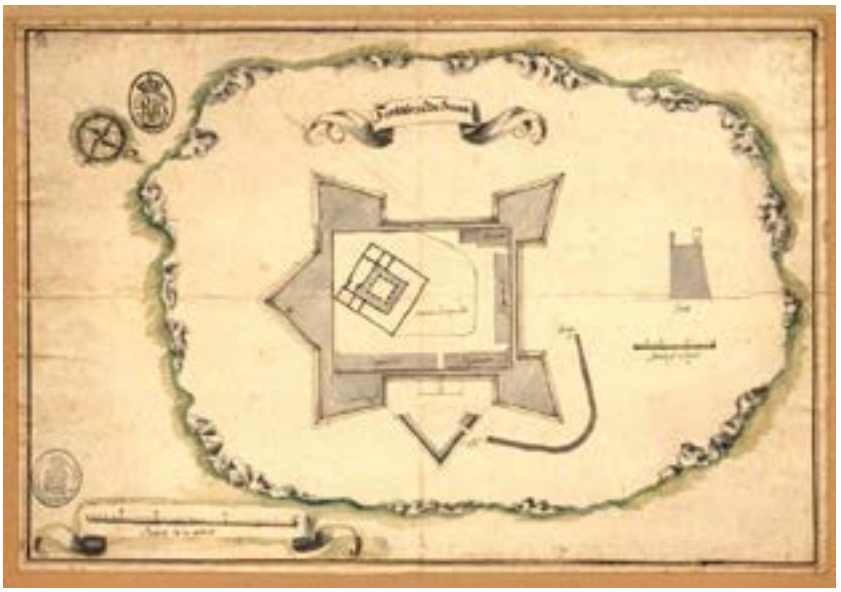


Figura 22. ca.1713, Manuel Pinto de Vilalobos, *Fortaleza da Insua*.

A planta de Vilalobos apresenta, além do conjunto edificado, os limites do ilhéu. Contudo, a opção do desenhador recai na ênfase do perímetro do ilhéu, o qual é acentuado pela caracterização da superfície interna como plana.

Já na *Planta da Fortaleza de Nossa Senhora da Ínsua* (1758), de Gonçalo Brandão (Figura 23), o relevo do ilhéu aprofunda a caracterização do perímetro, lendo-se a "cinta" rochosa que envolve três dos quatro lados do forte. Exceção a esta proteção natural é o lado nascente que surge com revelim, protegido por muro.

Uma aproximação à caracterização do ilhéu, acentuada pela *Planta da Fortaleza da Insola* (1797), de Maximiano Serra (Figura 24), que amplia a abrangência da planta clarificando ainda o posicionamento do forte e sua relação com as vias de entrada na barra. Neste sentido, observamos que o ilhéu é circunscrito a norte pela desembocadura do Rio Minho, a este pela Barra Portuguesa, a sul pelo oceano e, por último, a oeste pela Barra da Galiza.

É possível observar ainda, que no perímetro do ilhéu existe um extenso areal,[15] a norte, e uma zona rochosa a este, sul e oeste.



Figura 23. 1758, Gonçalo Luís da Silva Brandão, *Planta da Fortaleza de Nossa Senhora da Ínsua*. Transcrição da legenda: "*A – Convento dos Capuchos, dentro da Fortaleza. B – Portas da Fortaleza. C* – Único desembarque. D – *Paredão que cobre a fonte e o baluarte do Norte. E – Revelim que cobre a porta principal. F – Quartel do Governador. G – Corpo da Guarda principal. H – Quartéis dos militares. I – Armazéns de munições de guerra. K – Fontes. L – Socalcos.*" (Brandão, 1994: II: 7).



Figura 24. 1797, Maximiano José da Serra, *Planta da Fortaleza da Insola: <Caminha]*. Transcrição da legenda: "*1 – Caza de lenha. 2 – Quart. da Guarnicas. 3 – Quart. do Governador. 4 – Corpo da Guarda. 5 – N. S. da Insola. 6 – Convento. 7 – Armazem. 8 – Despejo do Convento. 9 – Claustro. 10 – Ortas. 11 – Refeitorio. 12 – Entrada.*".

15 Nos dias em que o baixa-mar é muito considerável, este areal liga-se ao da praia de Moledo, impossibilitando a navegação na Barra Portuguesa, ainda que permitindo acesso a pé direto ao ilhéu.

No que toca ao forte, o desenho de Brandão assinala duas entradas. Uma primeira atrás do revelim, e uma segunda no flanco, presumivelmente para acesso à fonte. Uma "intenção" apontada por Vilalobos, mas só aqui concretizada. Já no seu interior, é de salientar, tanto a identificação de reestruturações entretanto efetuadas, como um aprofundamento dos elementos representados.

Por outro lado, se compararmos a planta de 1797, com as 1713 e 1758, verifica-se que o desenhador representa apenas metade do muro de proteção do revelim e não localiza as fontes no perímetro extramuros. Ao nível dos acessos, o forte é representado apenas com uma entrada e, no interior, identificam-se escadas e rampas de acesso aos baluartes e semibaluartes. De facto, há aqui um apuramento progressivo das qualidades da construção, bem patente nas relações angulares e dimensionamento dos volumes.

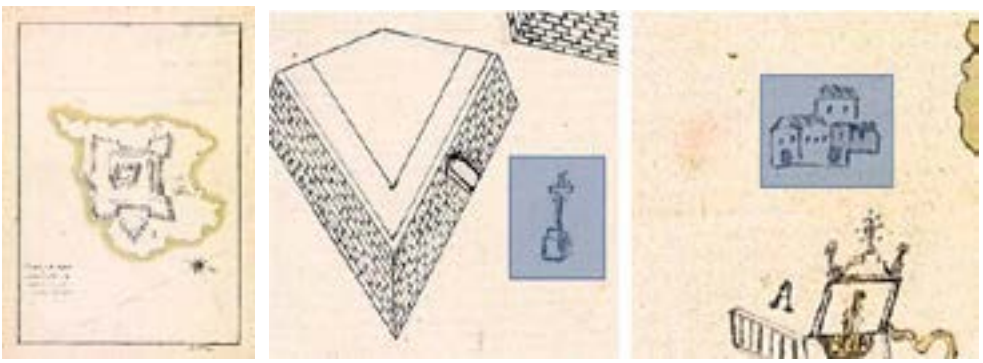


Figura 25a, 25b, 25c: 1759, José Martins da Cruz, a) *Planta da Fortaleza de N. Senhora da Insula da barra da praça de Caminha: prospeto da planta antecedente.* b) Cruzeiro. c) Conjunto de pequenas casas. Transcrição da legenda: "*Prospeto da planta antecedente, as letras AA mostram duas fontes doces dentro da pequenhes desta Insula, B convento de capuchos.*".

Finalizando este lote relativo à Ínsua, a *Planta da Fortaleza de N. Senhora da Insula da barra da praça de Caminha: prospeto da planta antecedente* (1759), de José Martins da Cruz (Figura 25a), tridimensionaliza o Forte relacionando qualidades da planta com as dos alçados, nomeadamente no que toca à clarificação de volumetrias e respetiva imagem. Qualidades anteriormente circunscritas à apresentação de perfil. Porém, a caracterização da topografia do ilhéu reduz-se à linha do seu contorno, acentuada expressivamente pela coloração do plano de água na zona de rebentação das ondas.

Em relação às demais plantas analisadas, esta exibe dois novos elementos no perímetro externo da fortificação: um cruzeiro (Figura 25b) e um conjunto de pequenas casas (Figura 25c). Contudo, e uma vez que do acervo iconográfico reunido, só nesta planta

aparecem tais indicações, somos levados a questionar a sua efetiva existência. Terá sido uma intenção de projeto? ou será erro de observação do desenhador?

Olhar sobre Caminha

Ainda que os desenhos de Duarte D'Armas proporcionem uma visão da vila de Caminha e território envolvente, esta não é instruída pelos modernos recursos instrumentais e científicos do desenho. Recursos que culminam na delineação de amplas panorâmicas, estruturadas numa abordagem analítica do espaço e devidamente subordinadas a um olhar e uma mão, orientados nos preceitos da perspetiva linear.

Porém, e ainda que este tipo de imagens seja escasso no panorama nacional, em Caminha encontramos dois exemplares do século XVII, muito distintos na sua qualidade gráfica, mas igualmente relevantes na aproximação à imagem e forma urbana coeva. Referimo-nos à *veduta* de Caminha delineada por Pier Maria Baldi (Figura 26), após o périplo europeu de Cosimo III de Médici entre 1668 e 1669[16], ou a *veduta* anónima de finais de seiscentos (Figura 27a), que alguns autores associam às campanhas do matemático João dos Reis (Johan de Köning), em resposta a encomenda cartográfica de D. Pedro II[17].

De facto, se em relação à vila detetamos um extenso acervo cartográfico, vinculado a uma representação abstrata condicionada ao valor métrico e contorno das construções e elementos naturais, são as *vedute* que na tridimensionalização do espaço integram o olhar do observador no ambiente construído exibindo uma imagem/ideia do lugar próxima à da sua experiência visual.

A *veduta* de Pier Maria Baldi, proporciona uma panorâmica da vila desde a margem direita do Rio Minho, onde, enquadrado pelo território envolvente, se reconhece o perfil abaluartado da vila, a igreja matriz, torres e o monte com o convento de Santo António. Por sua vez, e na amplitude do olhar proporcionada pela maleabilidade da regra perspética que estrutura o desenho, vislumbra-se a foz do Minho onde, porém, se deteta a ausência do forte da Ínsua. Na barra duas embarcações invocam o papel comercial da vila, tal como uma pequena embarcação de pesca em primeiro plano que invoca a atividade piscatória.

Conforme o diário oficial da viagem do príncipe italiano, redigido por Lorenzo Magalotti, Caminha é: "... *um lugar de uns trezentos habitantes situado na desembocadura do rio Minho, por si só considerável, e que se converte em grande com a maré, formando uma nobre*

16 Florença: desenho em depósito na Biblioteca Medicea Laurenziana, Med.Palat.123.

17 O desenho faz parte do álbum "*TYPVS Provinciae transtaganae*" (datado do séc. XVII), de origem anónima e contendo a ilustração de 45 cidades portuguesas. O álbum pertence a biblioteca particular, tendo as imagens de cidades do Minho sido reveladas nos cadernos vianenses (Abreu, 1989: 111).

fronteira entre Castela e Portugal. A margem é fortificada com bastiões e curvas alinhadas, a maior parte da terra; contudo, os bastiões estão alinhados com a parede do lado em que bate o mar. Acima, depois de uma subida por esse mesmo lado de onde se avista o porto, encontra-se um terreno com um forte com quatro baluartes, com alguns exteriores, que por serem de tijolo, mal unidos, estão em ruínas" (Magalotti, 1669: 372-373). Uma descrição que complementa a visão de Baldi, fazendo um ponto de situação sobre o estado das fortificações da vila, um ano após a assinatura do tratado de Lisboa firmando a paz entre Portugal e Espanha.

Noutro registo da mesma viagem, o manuscrito Corsini, o autor refere-se ao porto de Caminha dizendo que: "*... alí, con o favor da maré entram grandes navios, porém, alguns devem buscar refugio nas baías; há algum tráfego da costa da Biscaia e das Astúrias, de azeite, que apenas em seu distrito eles têm o suficiente, mas não têm excedente...*" (Magalotti, 1669: 373). Deste modo, é enunciada a capacidade do porto de Caminha, fortemente condicionado pelo ciclo das marés, bem como o tipo de mercadorias que por aí circulam e respetivos destinos.

Se na *veduta* de Baldi, é ausente a Ínsua, no diário de Magalotti há referência a esta: "*Há outro [forte] sobre uma pequena ilha que se encontra no meio da barra e que tem no interior da fortificação um mosteiro fortificado para servir como noviciado aos frades de São Francisco*" (Magalotti, 1669: 373).



Figura 26. ca.1670, Pier Maria Baldi, *Veduta de Caminha*.

Contudo, se o desenho de Baldi proporciona uma vista de Caminha a partir da margem confrontante, na sequência do percurso seguido por Cosimo III e sua comitiva[18], o desenho de autor anónimo, e datado de finais do século XVII, exibe uma vista a partir do monte de Santo António. O centro da imagem é o Terreiro, com a torre do relógio, a Igreja da Misericórdia e o chafariz, dando-se a ver a convergência das ruas do Vau, da Corredoura e da Misericórdia. Por outro lado, a imagem dá a ver a nova cintura abaluartada da vila

18 "*A um de março Sua Alteza, servida pelo Juiz de Fora até à praia, embarcou num barco a remos e velas, chamada pelos locais de lancha, e o resto de sua família ascendeu pelo rio em lanchas similares con o favor da maré, e em quatro horas chegou a Tui.*" (Magalotti, 1669: 373).

com o seu fosso, cortina e baluartes. É uma imagem que nos permite entrar na vila, reconhecendo-se os grandes edifícios (a Igreja Matriz, a Igreja da Misericórdia, o Hospital, a Casa da Câmara, a Cadeia e o Tribunal), a estrutura dos espaços abertos (o terreiro e ruas aí convergentes), as infraestruturas militares (a fortificação abaluartada e vestígios da cerca medieval), a par das estruturas de apoio ao comércio marítimo e fluvial (o cais Novo). Este último, é particularmente destacado, através do incremento da sua escala (desafiando a lógica da perspetiva), e pela inclusão de lanchas aí fundeadas.

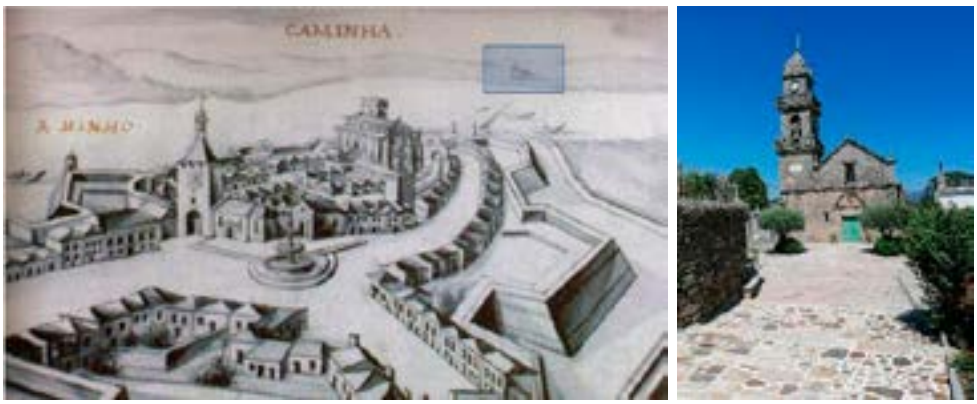


Figura 27a, 27b. ca.XVII, s.n., a) vista de Caminha. b) Igrexa de San Miguel de Tabagón.

Em relação a esta vista, permanece por esclarecer a identificação do templo desenhado na margem oposta. Se num primeiro momento se considerou a possibilidade de ser a capela de Nossa Senhora da Ajuda (na margem oposta do Coura), a amplitude do plano de água e a direção do cais novo, leva-nos a considerar a Igrexa de San Miguel de Tabagón[19], (Figura 27b), na margem galega. Mais uma inflexão da verdade perspética em função da narrativa perseguida.

Claro que, não obstante a sua diferença estrutural, poderíamos considerar neste filão de imagens o *Prospecto da Praça de Caminha* (1759), por José Martins da Cruz, onde a aplicação da perspetiva militar dota a planta de volume e, consequentemente, estes de imagem. Uma circunstância que sintetiza duas visões (a da planta e a da vista), permitindo avançar na caracterização do construído e sistema de espaços abertos. Uma visão que nos aproxima da imagem proporcionada pela captura fotográfica aérea e cujos exemplares mais distantes (Figura 28 e 29), nos permitem identificar estruturas hoje desaparecidas sob a acelerada transformação urbana de finais do século XX.

19 Um templo, cuja cronologia (encetada no século XVI) e composição (volume paralelepipédico com torre lateral), nos permite alicerçar a assunção tomada.





Figura 28. 1952, s.n., vista aérea da Vila de Caminha.

Figura 29. 1910, Avelino José da Cruz (ed.), vista a partir de Santo António.

Considerações finais

Do explorado, e sendo o acervo identificado bem mais amplo do que o aqui analisado, expõe-se sinteticamente o percurso traçado pelas imagens (Figura 30) bem como algumas considerações da narrativa histórico-visual que daí resultam.



Figura 30. Sequência do espólio iconográfico analisado.

Deste percurso sobressai a evolução de modalidades de representação gráfica (na sua diversidade de recursos, escalas ou incidência), bem como aspetos relativos à perenidade e transformação do ambiente construído, tanto da vila como do território envolvente. Uma narrativa que revela simultaneamente a relação entre o espaço físico de suporte (natural e construído) e modos de ocupação e ativação do lugar por intermédio da sua dimensão produtiva, comercial e geopolítica.

Do acervo, é de destacar a progressiva consolidação de uma imagem da vila, numa lógica de acumulação, sedimentação e aprofundamento de dados da realidade representada. Um processo que se resolve no cruzamento das modalidades de desenho abrangidas, e que vão desde a proximidade, transportando o observador da imagem para o interior do ambiente

construído, proporcionada pela *veduta,* até à amplitude e distanciamento permitido por uma visão cartográfica do território. Por outro lado, nesse processo participam distintos modos de olhar, senão mesmo de entender lugar, que conferem intencionalidade às imagens e reforçam as suas vocações que, o caso de Caminha, correspondem a uma natural vocação como entreposto comercial (expresso na representação de navios, cais e terreiros) e como Praça-Forte (por via das fortificações que cintam o perímetro urbano da vila, bem como nos dispositivos militares que configuram o sistema envolvente), materializada nas vistas, plantas, perfis e mapas analisados.

Bibliografia

ABREU, Alberto Antunes de (coord.) (1989). *Cadernos Vianenses, tomo XIII*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

ALVES, Lourenço (1985). *Caminha e o seu concelho: Monografia*. Caminha: Câmara Municipal de Caminha.

ANTUNES, João Manuel Viana (1996). *Obras Militares do Alto Minho: A costa Atlântica e a Raia ao serviço das Guerras da Restauração*. Porto: Dissertação de mestrado, Universidade do Porto.

ARMAS, Duarte de (ca. 1510). *Livro das Fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por Duarte de Armas, escudeiro da casa do Rei D. Manuel I*. Lisboa: manuscrito em depósito no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Acedido Online In: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3909707. Consultado em: 26/07/2023.

AZEVEDO, João (2003). *Uma visita ao concelho de Caminha com o bilhete postal ilustrado da primeira metade do séc. XX*. Caminha: Edição Câmara Municipal de Caminha.

BARROCA, Mário (1992). *Medidas-padrão medievais portuguesas*. Revista da Faculdade de Letras, s.n., 53-85.

BARROCA, Mário Jorge (2016). "O Livro das Fortalezas de Duarte de Armas – Contributo para uma análise dos manuscritos de Lisboa e de Madrid". In ROSAS, Lúcia; SOUSA, Ana Cristina; BARREIRA, Hugo (coord.) *GENIUS LOCI – Lugares e significados. Volume 2*. Porto: CITCEM, pp. 183-205.

BENTO, Paulo Torres (2009). *Ruas de Caminha. Toponímia e história da vila da foz do Minho*. Caminha: Junta de freguesia de Caminha-Matriz, Agrupamento de Escolas Coura e Minho.

BRANDÃO, Gonçalo Luís da Silva (1994). *Topografia da fronteira, praças e seus contornos, raia seca, costa e fortes da província de entre Douro e Minho. Manuscrito 1909*. (2 vols.) Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto.

CADILHA, Sérgio (2008). *Núcleo Museológico, centro histórico de Caminha*. Caminha: Câmara Municipal de Caminha.

CASTRO, João Baptista de (1763). *Mappa de Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Francisco Luiz Ameno.

CIEFAL-ICOMOS, Escola Superior Gallaecia & CIS-Galicia (Eds.) (2008). *CADIVAFOR: Catalogação, Digitalização e Valorização das Fortalezas Defensivas da Fronteira Galiza Norte de Portugal*. Ferrol: PLUMA Estúdio Gráfico.

COSTA, António Carvalho da (1706). *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes.

CRUZ, Maria Alfreda (1988). *Caminha. Evolução e estrutura da vila da foz do minho*. Braga: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier.

LATOUR, Bruno (1988). *Science in action. How to Follow Scientists and Engineers through Society*. Cambridge (mass.): Harvard University Press.

MADOZ, Pacual (1849). *Diccionario geográfico-estadístico-historico de España y sus posesiones de ultramar. (Tomo XIII)*. Madrid: [s.n.].

MAGALOTTI, Lorenzo (1669). 'Relazione ufficiale', 1669. In Jiménez, Davide – Molledo, José (2018), *Viaje de Cosme III de Médici por España y Portugal (1668-1669)*. Madrid: Miraguano Ediciones.

NUTI, L. (1999). 'Mapping places: Chorography and vision in the Renaissance', in D. Cosgrove (ed.). *Mappings*. Chicago: University Press, pp. 90-108.

PEREDA, F.; Marias, F. (2009). *El atlas del rey planeta. La "Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos" de Pedro Texeira (1634)*. 4.ª Edição. Aldamar: Editorial Nerea S.A..

RODRIGUES, Hélder F. Oliveira (2011). *Evolução e Transformação da Estrutura Urbana da Vila de Caminha e sua Morfologia*. Vila Nova de Cerveira: Dissertação de mestrado, Escola Superior Gallaecia.

SAAVEDRA, José Cornide (1764). *Descripción circunstanciada de la costa de Galicia y raya por donde confina con el inmediato reyno de Portugal / [José Cornide Saavedra]*. Arquivo Dixital de Galicia: ES.GA.15030.ARG/2.1.1.14.//44810-17. Acedido Online In: https://arquivo.galiciana.gal/arpadweb/es/consulta/registro.do?id=2057229. Consultado em: 14/07/2023.

SANCHEZ, Angel; SANCHEZ, Angela (1933). *Viaje de Cosme de Medicis por Espanha y Portugal (1668-1669)*. Madrid: Centro de Estudios Históricos.

SANTOS, João (1979). Caminha através dos tempos. Caminiana, *Revista de Cultura Histórica, Literária, Artística, Etnográfica e Numismática, I*, 161-201.

SOROMENHO, Miguel Conceição Silva (1991). *Manuel Pinto de Vilalobos da engenharia militar à arquitectura*. Lisboa: Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa.

SWAN, Claudia (1995). *Ad vivum, naer het leven, from the life: defining a mode of representation*. Word & Image, 11-IV, 353-372.

TEIXEIRA, M. C.; VALLA, Margarida Helena de la Féria (1999). *O Urbanismo Português Séculos XIII-XVIII Portugal-Brasil*. Lisboa: Livros Horizonte.

VALLERIANI, Matteo (2017). The Epistemology of Practical Knowledge. In VALLERIANI, Matteo, edit., *The Structures of Practical Knowledge. Berlin & Lisboa: Springer* – Cham, p. 1-19.

VITERBO, Francisco de Sousa (1904). *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*. (3 vols.) Lisboa: Imprensa Nacional.

WAGHENAER, Lucas Janszoon; et al. (1584). *T'eerste deel vande Spieghel der zeevaerdt, vande navigatie der Westersche Zee, innehoudende alle de custen van Vranckrijck Spaignen ende t'principaelste deel van Engelandt, In diversche zee caerten begrepen (...). Ghedruct tot Leyden: by Christoffel Plantijn, voor Lucas Janssz Waghenaer van Enckhuysen*. Holanda: manuscrito em depósito na Utrecht University. Acedido Online In: https://objects.library.uu.nl/reader/index.php?obj=1874-210220&lan=en#page//97/59/68/97596862771362307101301317971743433 7.jpg/mode/1up. Consultado em: 26/07/2023.

Iconografia

Figura 1: ARMAS, Duarte de (ca. 1510). Livro das Fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por Duarte de Armas, escudeiro da casa do Rei D. Manuel I. Lisboa: manuscrito em depósito no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: PT-TT-CF-159_m0163. Acedido Online In: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3909707. Consultado em: 26/07/2023.

Figura 2: ARMAS, Duarte de (ca. 1510). Op. Cit.; PT-TT-CF-159_m0132.

Figura 3: Idem; PT-TT-CF-159_m0163.

Figura4: CRUZ, Maria Alfreda (1988). Caminha. Evolução e estrutura da vila da foz do minho. Braga: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, p.14.

Figura5: PEREDA, F.; Marias, F. (2009). El atlas del rey planeta. La "Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos" de Pedro Texeira (1634). 4.ª Edição. Aldamar: Editorial Nerea S.A., p. 201.

Figura 6: AZEVEDO, João (2003). Uma visita ao concelho de Caminha com o bilhete postal ilustrado da primeira metade do séc. XX. Caminha: Edição Câmara Municipal de Caminha, p. 162.

Figura 7: WAGHENAER, Lucas Janszoon; et al. (1584). T'eerste deel vande Spieghel der zeevaerdt, vande navigatie der Westersche Zee, innehoudende alle de custen van Vranckrijck Spaignen ende t'principaelste deel van Engelandt, In diversche zee caerten begrepen (...). Ghedruct tot Leyden: by Christoffel Plantijn, voor Lucas Janssz Waghenaer van Enckhuysen. Holanda: manuscrito em depósito na Utrecht University. Acedido Online In: https://objects.library.uu.nl/reader/index.php?obj=1874-210220&lan=en#page//97/59/68/97596862771362307101301317971743433 7.jpg/mode/1up. Consultado em: 26/07/2023, p. 93.

Figura 8: Coimbra: mapa em depósito na Universidade de Coimbra. Almamater-Biblioteca Geral Digital: NC-652. Acedido Online In: https://webopac.sib.uc.pt/record=b2712477~S74*por. Consultado em: 26/07/2023.

Figura 9: BN D: D-158-R. Acedido Online In: https://purl.pt/24999. Consultado em: 26/07/2023.

Figura 10: BN D: CA-312-P. Acedido Online In: https://purl.pt/16668. Consultado em: 26/07/2023.

Figura 11: BRANDÃO, Gonçalo Luís da Silva (1994). Topografia da fronteira, praças e seus contornos, raia seca, costa e fortes da província de entre Douro e Minho. Manuscrito 1909. Volume 1. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, p. 9.

Figura12a, 12b, 12c: BRANDÃO, Gonçalo Luís da Silva (1994). Op. Cit., p. 9.

Figura13a, 13b, 13c: Idem, p. 9.

Figura 14: BVD: Mapas, planos y cartas náuticas. CDU: 461.15|282.2 Miño. Acedido Online In: https://bibliotecavirtual.defensa.gob.es/BVMDefensa/es/consulta/registro.do?id=121910. Consultado em: 26/07/2023.

Figura 15: PT-GEAEM/DIE – 6533-2A-29A-107.

Figura 16: BN D: D-239-V_2. Acedida Online In: https://purl.pt/25592. Consultado em: 26/07/2023.

Figura17a, 17b: BN D: D-239-V_2. Op. Cit.

Figura18: BRANDÃO, Gonçalo Luís da Silva (1994). Topografia da fronteira, praças e seus contornos, raia seca, costa e fortes da província de entre Douro e Minho. Manuscrito 1909. Volume 1. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, p. 13.

Figura 19a, 19b: BRANDÃO, Gonçalo Luís da Silva (1994). Op. Cit., p. 13.

Figura 20: PT-GEAEM/DIE – 3658/II-3-37-51.

Figura 21: PT-GEAEM/DIE – 3661/II-3-37-51.

Figura 22: BN D: D.246 V. Acedida Online In: https://purl.pt/25502. Consultado em: 26/07/2023.

Figura 23: BRANDÃO, Gonçalo Luís da Silva (1994). Topografia da fronteira, praças e seus contornos, raia seca, costa e fortes da província de entre Douro e Minho. Manuscrito 1909. Volume 1. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, p. 11.

Figura 24: PT-GEAEM/DIE – 3655/I-3-37-51.

Figura 25a, 25b, 25c: PT-GEAEM/DIE – 3659-3-37-51.

Figura 26: SANCHEZ, Angel; SANCHEZ, Angela (1933). Viaje de Cosme de Medicis por Espanha y Portugal (1668-1669). Madrid: Centro de Estudios Históricos, lâmina LXVI.

Figura 27a, 27b: ABREU, Alberto Antunes de (coord.) (1989). Cadernos Vianenses, tomo XIII. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, p. 111. | Fotografia dos autores (17/06/2023).

Figura 28: BENTO, Paulo Torres, (2009). Ruas de Caminha. Toponímia e história da vila da foz do Minho. Caminha: Junta de freguesia de Caminha-Matriz, Agrupamento de Escolas Coura e Minho, p. 81.

Figura 29: AZEVEDO, João (2003). Uma visita ao concelho de Caminha com o bilhete postal ilustrado da primeira metade do séc. XX. Caminha: Edição Câmara Municipal de Caminha, p. 155.

Figura 30: Elaborada pelos dos autores (2023).